



Divulgação das ações do Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta



GENTE QUE FAZ O PROJETO

**Lideranças
Comunitárias e
Quilombolas e o Dia
da Consciência Negra**

PÁGINA 4



DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

**Floresta Quilombola
como Laboratório**

PÁGINA 8



DIÁRIOS DE CAMPO

**Memórias e Histórias das
comunidades Quilombolas: apoio
às atividades museológicas e de
Turismo de Base Comunitária**

PÁGINA 15

**Educação popular e ambiental no
combate ao racismo**

PÁGINA 25

**Alimentação, agricultura e
agroecologia**

PÁGINA 34



Um olhar antirracista para a agroecologia



Desde o período colonial, a luta por acesso e o uso da terra são alguns dos maiores desafios do país e representa um dos conflitos mais graves no âmbito das questões raciais, agrárias e ambientais.

Além disso, ainda são escassas as políticas públicas que possam fazer a reparação histórica da população negra cujos antepassados foram escravizados. Nesse contexto, as comunidades negras quilombadas seguem resistindo para permanecer em seus territórios e tem, muitas vezes, sua dinâmica de vida e de produção associada aos recursos naturais.

Conflitos e expropriações de toda ordem são realizadas contra essas comunidades, colocando em risco a reprodução de suas vidas, culturas, histórias e memórias. Atualmente, os quilombos representam uma das formas mais potentes de resistência aos racismos cotidianos, sobretudo de combate ao racismo ambiental, que tem provocado a expulsão das comunidades tradicionais de seus territórios.

Nesse contexto, na cidade do Rio de Janeiro, o projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta promove um conjunto de ações que buscam reconhecer e apoiar as práticas tradicionais das comunidades negras e quilombolas que



ficam na zona oeste da cidade, e que também são responsáveis por manter em pé uma das maiores florestas urbanas do mundo: a Floresta da Pedra Branca.

As ações do projeto têm um enfoque específico em três comunidades quilombolas localizadas na zona oeste do Rio de Janeiro: Quilombo Dona Bilina, Quilombo Cafundá Astro-gilda e Quilombo do Camorim.

A relação dessas comunidades com a floresta da Pedra Branca está associada ao desenvolvimento de relações econômicas e políticas com formas diversas de resistência e conservação ambiental, como agricultura limpa e agroecológica e turismo de base comunitária.

Os valores civilizatórios afro-brasileiros se mantêm resistindo e inventando outros modos de produção alimentar e de organização da vida coletiva. Por este motivo, a luta antirracista enriquece e abre os caminhos dos movimentos de agroecologia e conservação da natureza.

Nesse contexto, o projeto visa apoiar e ampliar a capacidade econômica, política e cultural das comunidades quilombolas da zona oeste do Rio, fortalecendo ações de resgate da memória, amplificação das narrativas e combate ao racismo. Nesta Folha Informativa, você confere um pouco do que temos feito! Boa leitura!



Lideranças Comunitárias e Quilombolas e o Dia da Consciência Negra



Sarah Rubia

“Consciência negra vai além das questões do racismo no dia a dia. É tempo de lidar com o racismo estrutural e suas consequências, principalmente dentro do movimento de agroecologia. É possível ver que a maioria dos agricultores em melhores condições de trabalho são brancos. Os mais vulneráveis - tanto na questão de posse da terra quanto no acesso a políticas públicas - são o povo preto. A valorização da mulher preta que traz na sua ancestralidade o conhecimento das ervas, das luas, e de que envolve a alma da mãe natureza é urgente.

A luta antirracista precisa olhar para os jovens vindos dessas famílias e criar políticas públicas específicas.

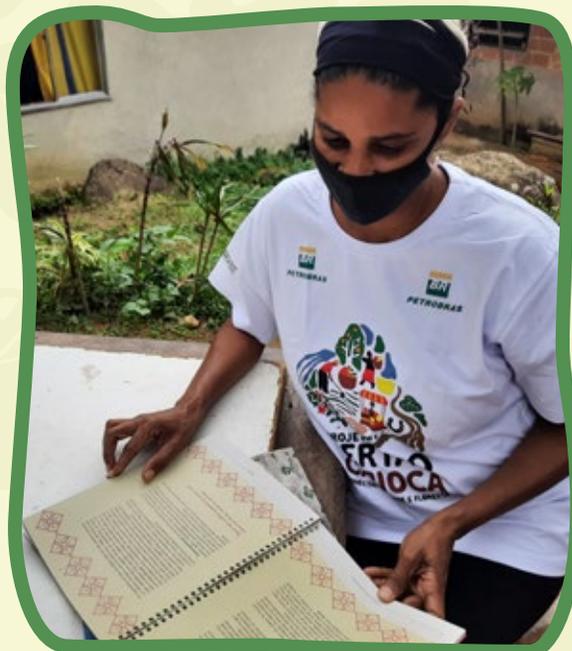
Precisamos esgotar os debates. Sem justiça ambiental não há agroecologia!”



Sarah Rúbia é culinharista e educadora popular em saúde. Ela também anima os processos organizativos da Associação de Moradores de Vargem Grande (AMAVAG) e da Feira da Roça.

Eleci Martins

“O dia da Consciência Negra é um dia bem importante para nós Negros, foi uma conquista e tanta. Porém, devemos continuar na luta para que o negro seja tratado com respeito, dignidade e que tenha direito a viver sua cidadania sem violência, com o objetivo final de erradicar o racismo para sempre do mundo.”



Eleci Martins é educadora quilombola do Núcleo Dinda Laura, do Quilombo Cafundá Astrogilda.

Deixo um poema para reflexão:

Integridade, de Geni Mariano Guimarães

Ser negra,
Na integridade
Calma e morna dos dias.
Ser negra,
De carapinhas,
De dorso brilhante,
De pés soltos nos caminhos.
Ser negra,
De negras mãos,
De negras mamas,
De negra alma.

Ser negra,
Nos traços,
Nos passos,
Na sensibilidade negra.
Ser negra,
Do verso e reverso,
Do choro e riso,
De verdades e mentiras,
Como todos os seres que
habitam a terra.

O poema retrata o direito do negro ser como todos, só queremos uma cidadania justa sem racismo!

Carmen Paixão

“Em 20 de novembro o dia da Consciência Negra. Sim, consciência.

Muitos nem sabem, negros ou brancos não sabem, outros ignoram. Há também os que menosprezam. Eu digo: é preciso consciência sim.

Mas, não só em 20 de novembro. Consciência todos os dias, de que o Brasil é um país onde mais da metade da população é negra ou descendente. Somos um povo miscigenado. Nós negros, fomos plantados aqui nessa terra para construir esse país, e fizemos, com nosso trabalho, suor, sangue, cultura e tradições. Consciência. A palavra define esses milhares de rostos, sorrisos, olhares, talentos e valores que continuam fazendo esse país.”



Carmen Paixão é educadora quilombola do Quilombo Dona Bilina



Carmen também é pintora e compartilhou conosco suas pinturas de Dandara e Zumbi dos Palmares

Fiz um poema para essa data, e compartilho com vocês:

Do Cristo que eu conheço
Se apresenta pra mim negro
Crucificado todo dia
discriminado, massacrado,
escarnecido
Culpado!

Todo dia
Nascido do ventre da Dona Maria.
Que María?
Àquela, da rua da padaria.
María, Maria...

Sofre todo dia
ao ver seu filho saindo de casa,
descendo a rua da padaria.
Maria, Maria...

Chora, vendo a panela vazia.
Mas, o Cristo que eu conheço.
se apresenta pra mim
todo dia. Negro.
O Cristo que anda a pé,
Carregando nos ombros
a mochila de documentos
Carregando consigo
a barriga vazia.

O Cristo que eu conheço
está desempregado,
mas é qualificado, diplomado.

O Cristo que eu conheço
É olhado, apontado.
O Cristo que eu conheço,
caminha todo dia, carrega sobre si
o peso da sua cruz.

Esperando encontrar no caminho
um pouco de luz.

Em casa, Maria espera
Cristo não chega.
Cristo não encontrou a luz.
A polícia o encontrou
Polícia que prende
bate, repreende.

É negro!
Cala a boca! Perdeu, perdeu.
Cristo é preso.
Por quê, por quê?
É negro.

Cristo é morto.
Mas, ressuscita
todo dia
No negro que nasce, de outra
Maria.
Que luta, que vence, que cresce
e abre as portas
para novos negros Cristos.

Por Camen Paixão.



Nesta edição, confira o texto Floresta Quilombola como Laboratório de Rita Montezuma, professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Ela é uma das pesquisadoras em busca da valorização do saber tradicional afro-diaspórico presente nos territórios quilombolas. Com foco na área da Ecologia de Ecossistemas, Rita desenvolve projetos de pesquisa no quilombo Cafundá Astrogilda e compõe a Comissão de Pesquisa do Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta.

Floresta Quilombola como Laboratório

A pesquisa acadêmica acontece paralela aos saberes populares das comunidades quilombolas. O conhecimento tradicional dos habitantes dos quilombos abrange o manejo da terra, os ciclos de plantio, a utilização de ervas e plantas medicinais, assim como, a observação dos fluxos dos rios. Seus conhecimentos são transmitidos entre gerações por meio da oralidade, e une-se, cada vez mais, com as pesquisas realizadas por professores(as) universitários. Esta construção cooperativa de

conhecimento engrandece as instituições de ensino e as comunidades quilombolas.

Os quintais da região das Vargens, que ficam no Quilombo Cafundá Astrogilda, são produzidos por um grupo racial, que hoje se identifica como quilombola. Trata-se de um espaço florestal que carrega a memória, a ancestralidade, a cultura e as práticas de uma população majoritariamente negra, que já ocupa o espaço por mais de quatro gerações.

Dona Astrogilda, matriarca que originou o nome do território, tem o seu registro de nascimento datado de 1902. Desde então, gerações de filhos, filhas, netos, netas, bisnetos e bisnetas ocupam o lugar e reivindicam os seus direitos de morar, viver e plantar nos arredores do Maciço da Pedra Branca.

Usufruir dos recursos naturais e deixar que a natureza se renove é um dos hábitos presentes nessa comunidade. Nossa hipótese é que o cultivo que ocorre nas roças

Rita Montezuma,
professora da UFF,
Valniey da Silva
Mesquita e Paulo
Martins, quilombolas
e pesquisadores do
Quilombo
Cafundá Astrogilda



e quintais dessa comunidade quilombola são menos danosos ao meio ambiente do que a proposta de urbanização da prefeitura para a área. O Projeto de Estruturação Urbana das Vargens, contido na lei municipal 104/2009, por exemplo, é bastante danoso ao microclima local e à conservação da biodiversidade.

No contexto do projeto, estamos analisando tal hipótese através do projeto Laboratório Didático Vivo, que é executado no âmbito da Comissão de Pesquisa do Projeto Sertão Carioca em parceria com a Universidade Federal Fluminense (UFF). Através desta atividade, mostraremos na prática como é a floresta, para que ela serve e como ela se constitui. Sabemos que ela é produto de uma regeneração natural das condições desse ambiente que está aqui; mas é também produto de ação humana. E essa ação humana tem identidade, uma identidade negra e quilombola.

Com isso, destacamos que, o que existe de floresta nessas áreas, resguarda elementos de uma cultura de um grupo social, expressa suas práticas e sua cosmologia. Tudo isso materializado na seletividade das espécies e nos elementos e marcas que deixa na floresta. Esta relação é um patrimônio histórico entre os povos quilom-





bolas e a natureza local, trata-se de um espaço de natureza conservada e socializada.

Durante muito tempo, no campo da Ecologia, foi difundida a ideia de que um ecossistema bem preservado é aquele intocado. Essa é uma visão ingênua da intocabilidade do ecossistema, fato que vem sendo criticado por vários grupos sociais na reconfiguração das paisagens e biomas.

Essa ideia, que está lentamente sendo superada no universo acadêmico, é resultado de olhar preconceituoso para com os grupos que fazem uso direto da terra e dos recursos naturais, os povos e comunidades tradicionais, uma vez que afirma que a presença e o manejo direto desses grupos nos ecossistemas causaria degradação. Essa ciência é eurocentrada e estadunidense, discípula de uma concepção de educação e ensino oriundas de grandes pólos hegemônicos. Contudo, essa premissa vai por terra na medida em que, grande parte dos ecossistemas que conhecemos teve a presença das espécies humanas ao longo da história evolutiva.

Nesse contexto, o laboratório vivo mostra, a partir da prática, como se dá a interação com a floresta e o papel da presença da comunidade quilombola do Cafundá Astrogilda na conservação do solo que fica na unidade de conservação do Parque Estadual da Pedra Branca. Com isso, buscamos ampliar o conhecimento da importância da presença humana no local e legitimar esses grupos como

protetores da floresta e produtores de conhecimentos e epistemologias que importam a toda a sociedade. Afinal, o território é o produto de práticas, métodos e concepções próprias da comunidade, e a presença do quilombo no local faz com que ele seja um agente fundamental de conhecimento e conservação desta área protegida.

Deste modo, a prática do laboratório objetiva, não só a pesquisa acadêmica, mas também, que o quilombo construa sujeitos capazes de olhar o seu próprio lugar, extrair saberes e dar continuidades às suas pesquisas. Quando fazemos esse tipo de trabalho, temos sempre que pensar possibilidades futuras. Quem sabe, dali não saem outros cientistas e pesquisadores? O significado da contribuição de uma investigação científica vai além de uma pesquisa em si, mas colabora também com o pertencimento, resistência e ancestralidade das comunidades quilombolas.

O Laboratório Didático será implementado da seguinte forma: delimitação de áreas (parcelas), totalizando 1000 ha. Nessas parcelas serão instaladas aleatoriamente



Valniey, quilmbola e pesquisador, demarca as parcelas que serão analisadas

te 30 pluviômetros (10 em área aberta, 10 em área de roça e 10 em área de floresta, sendo três tipos de cobertura de uso do solo).

Em seguida, será feita a identificação das espécies botânicas dentro de determinados critérios, como a presença de plantas adultas, que permite aferir o estrato arbóreo e arbustivo que intercepta a chuva que entra no ambiente. Utilizando o pluviômetro, poderemos saber quanto a copa dessas árvores interceptou, e quanto ela permitiu atravessar. A água que atravessou vai chegar na terra, e com essas informações, podemos analisar questões relacionadas ao comportamento do solo.

Com os pluviômetros instalados, podemos comparar os dados entre três áreas: as parcelas de roça, área aberta e floresta. Os moradores confeccionaram os pluviômetros, e estão recebendo orientações sobre técnicas, parâmetros e variáveis para fazerem medições que tenham validação científica.

O laboratório vivo gera conhecimento e o despertar crítico na direção da história da biologia, da ecologia, da geografia e do conhecimento relativo à nossa sociedade e os grupos que a compõem. É um projeto multidisciplinar e ser-



Pluviômetros estão sendo confeccionados pela própria comunidade



Sandro Santos e Valniey Mesquita realizam a instalação do pluviômetro

ve de empoderamento da comunidade, pavimentando um caminho na direção do respeito a esses grupos.

A partir disso, as parcerias com a sociedade são intensificadas e a governança comunitária das unidades de conservação são fortalecidas. Estes parâmetros devem estruturar políticas de conservação que sejam racialmente e ambientalmente mais justas,

buscando uma reparação em relação à contribuição dos povos afrodescendentes, que são marginalizados do ensino, das tecnologias e das políticas.

A legitimação dos povos tradicionais destaca o quanto é importante olharmos para o próprio território afro-latino-americano, o quanto que importa começarmos a discutir uma concepção de ensino, ciência e pesquisa nacionais. Com isso, ampliamos a possibilidade de uma vida, uma utopia necessária para continuarmos a fazer novas ações.

Por Rita Montezuma,
editado por Bruna Távora e Murilo de Holanda.



Memórias e Histórias das comunidades Quilombolas: formação e apoio às atividades museológicas e de Turismo de Base Comunitária



Uma das frentes de ação do projeto é o fortalecimento do Turismo de Base Comunitária e apoio à implantação de um Ecomuseu. O suporte às atividades envolve a organização de um Ecomuseu, contendo acervo material e imaterial da comunidade, identificação de trilhas, cachoeiras, ruínas e pontos de interesse ambiental e cultural no território, organização de roteiros e um calendário de eventos voltados à valorização da cultura, das histórias e tradições locais e à preservação da floresta da Pedra Branca.

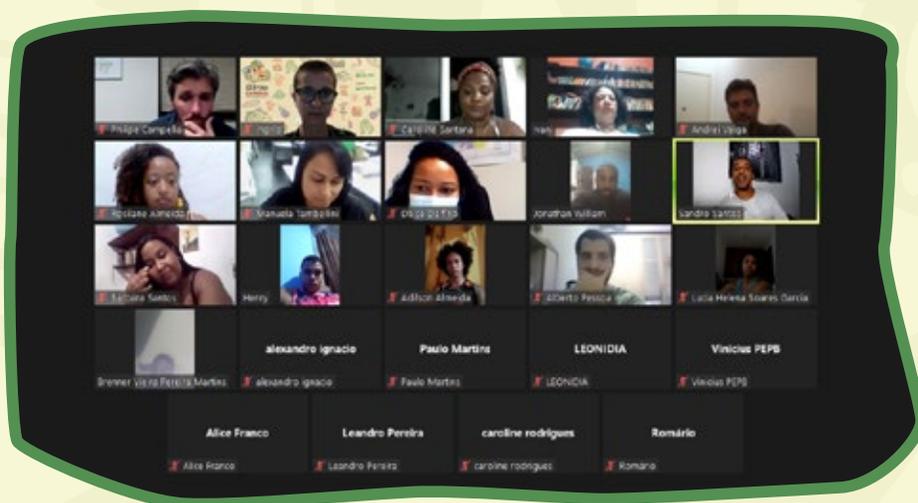
São muitas as memórias e histórias das comunidades quilombolas e agricultoras da cidade do Rio de Janeiro. Sua sabedoria nos ensina a repensar e re-encantar o mundo, imaginando outros futuros possíveis. Neste último período, percorremos os quilombos ouvindo as griôs e os griôs contarem suas lembranças e conhecimentos que preservam a

biodiversidade. Eles falaram sobre Tia Nata, Dona Astrogilda, Dinda Laura, Seu Pingo, Dromice, Dona Dazinha, Lila e outras referências que deixaram saudades e que merecem ser lembradas e ressaltadas nas atividades de Turismo de Base Comunitária (TBC), que envolve a organização de um Ecomuseu e de roteiros culturais e ambientais.

Abaixo, você confere as atividades que temos realizado.

Curso de Condutores Ambientais

Visando a sustentabilidade e geração de renda das ações de Turismo de Base Comunitária, o projeto está oferecendo, em parceria com o Instituto Estadual do Ambiente (INEA) o Curso de Condutores de Visitantes. O curso tem foco nas comunidades quilombolas do maciço da Pedra Branca e tem carga horária de 130 horas.



Print da sala virtual do Curso de Condutores, realizado em parceria com o INEA

A formação tem o objetivo de capacitar os participantes na atuação como condutores locais de visitantes, permitindo o acompanhamento de grupos para a realização de trilhas e atividades de Turismo de Base Comunitária no Parque Estadual da Pedra Branca. A ementa do curso é constituída pelos seguintes módulos: 1) Características da Unidade de Conservação: Biodiversidade, geografia e patrimônio histórico; 2) Legislação ambiental e regulamentações; 3) Turismo e Sustentabilidade e Técnicas de condução e interpretação; 4) Noções de cartografia e ferramentas de direção; e 5) Segurança e equipamento.

Início da Consultoria Museológica

Com base numa proposta de museologia social, que se constitui através da presença de sujeitos múltiplos e compartilhamento de saberes, o trabalho será conduzido de forma dialógica e com total respeito às ações locais. Em nossa perspectiva, os patrimônios são vistos como ferramentas ao desenvolvimento local, como

“ O patrimônio material e imaterial se conectam fortemente constituindo as identidades locais, forjadas em processos de resistências, de articulações e soluções que as comunidades propuseram às realidades históricas.”

– Júlia Pereira



Júlia Pereira, consultora em museologia do projeto, em atividade no Quilombo Dona Bilina

registros das continuidades históricas e das mudanças culturais, realizadas historicamente nos territórios.

A proposta de musealização dos territórios, desses lugares de memória e de vivências, é um complemento à força local, que poderá ajudar na sua legitimidade e no maior acesso às políticas públicas no âmbito da cultura.

O trabalho também visa contribuir para reflexão das comunidades no que tange às suas memórias e suas formas de se relacionar com elas, visto que são olhares do presente, assim como contribuir para alinhar demandas e expectativas de cada território no que tange às perspectivas futuras.

“O patrimônio material e imaterial se conectam fortemente constituindo as identidades locais, forjadas em processos de resistências, de articulações e soluções que as comunidades propuseram às realidades históricas.”, destacou Júlia Pereira, consultora em museologia do projeto. A atividade prevê um conjunto de materiais, dentre eles, a realização de um inventário dos patrimônios locais e um catálogo de apresentação.

Exposição Fotográfica e Documentário - memórias registradas em imagens

Através de oficinas de educação, temos também apoiado a organização das memórias e do acervo imaterial das comunidades quilombolas, contribuindo com o fortalecimento da identidade sociocultural, a partir da escolha e seleção de informações que têm de ser contadas e pessoas que devem ser lembradas.

Esses conteúdos também visam apoiar a construção do acervo das comunidades, dando suporte ao trabalho de TBC e ao Ecomuseu que as comunidades quilombolas já desenvolvem em seus territórios.

As atividades estão sendo realizadas através de oficinas participativas e metodologias que valorizam



Oficina de fotografia aconteceu em 2 encontros e debateu técnicas de captação e tratamento de imagens. Na foto Charles Jr do Quilombo Dona Bilina.



Seu Paulinho e Seu Antônio definem o roteiro do filme "Quilombo e Suas Raízes - Ancestralidade de Astrogilda"



Turma da Oficina de Fotografia do Quilombo Dona Bilina



Jorgina, neta de Astrogilda e Doceira, mostra memórias de seus pais

o conhecimento tradicional dos mais velhos e da juventude, além de promover o encontro de gerações.

Para Sandro Santos, liderança comunitária do

Quilombo Cafundá Astrogilda, “Isso permite que a gente pense sobre o significado do que é ser quilombola. Permite que a gente se encontre, debata e reflita sobre o que queremos contar para fora daqui. Cada quilombo tem sua construção histórica e, contar essas lembranças, permite que os mais novos e as crianças possam conhecer tudo isso”.

As rezas, os remédios do mato, o cuidado coletivo e a preservação da floresta foram alguns dos temas destacados no relato e na sistematização das memórias das comunidades.

Nesse período, esses conteúdos foram organizados em três produtos de comunicação. Um deles, foi o documentário [“Quilombo e suas Raízes: A ancestralidade de Astrogilda”](#), em que, através



Eleci e Betinha à frente da placa que homenageia Dinda Laura, uma das matriarcas do Quilombo Cafundá Astrogilda.

dos relatos de Paulinho, Ana, Tati, Jorgina, Maria Lúcia, Jorge Cardia conhecemos as rezadeiras e as rezas da Tia Nata, da Dona Maria Cardia e da Astrogilda.

As oficinas foram facilitadas pelo Permalab. Com foco no trabalho com a juventude, também realizamos a Exposição Fotográfica: Nossas Memórias e Histórias. Através de oficinas participativas de fotografia, conversamos sobre memórias, combate ao racismo e o legado histórico da comunidade. Também aprendemos técnicas de uso de celular para registrar essas memórias. Perguntas como: “Quais são as práticas e quem são as pessoas que queremos mostrar para fora do nosso território?” conduziram a atividade. Agricultura, agricultores, plantio, natureza e preservação são alguns dos temas da exposição.

Charles Jr. pelos olhos de Lara Gomes, do Quilombo Dona Bilina. Foto realizada na Oficina de Fotografia.



“A oficina ensina a gente a olhar e sentir a fotografia, existe beleza no que a imagem quer transmitir”

– Thaís Martins

Para Thaís Martins, articuladora da oficina no território do Quilombo Cafundá Astrogilda e uma das alunas do curso, as memórias dos territórios precisam ser registradas para que os mais novos possam conhecer a própria história. Thaís comenta: “A oficina ensina a gente a olhar e sentir a fotografia, existe beleza no que a imagem quer transmitir”. As marcas identitárias das comunidades estão presentes nas imagens.

O lançamento da exposição ocorreu em dois momentos. O primeiro, na festa do Dia da Consciência Negra, no Quilombo Cafundá Astrogilda e o segundo na Horta Comunitária do Quilombo Dona Bilina, em Campo Grande.



Brenner Vieira e sua obra "Artista das vargens", que compôs a exposição fotográfica "Cotidianos".

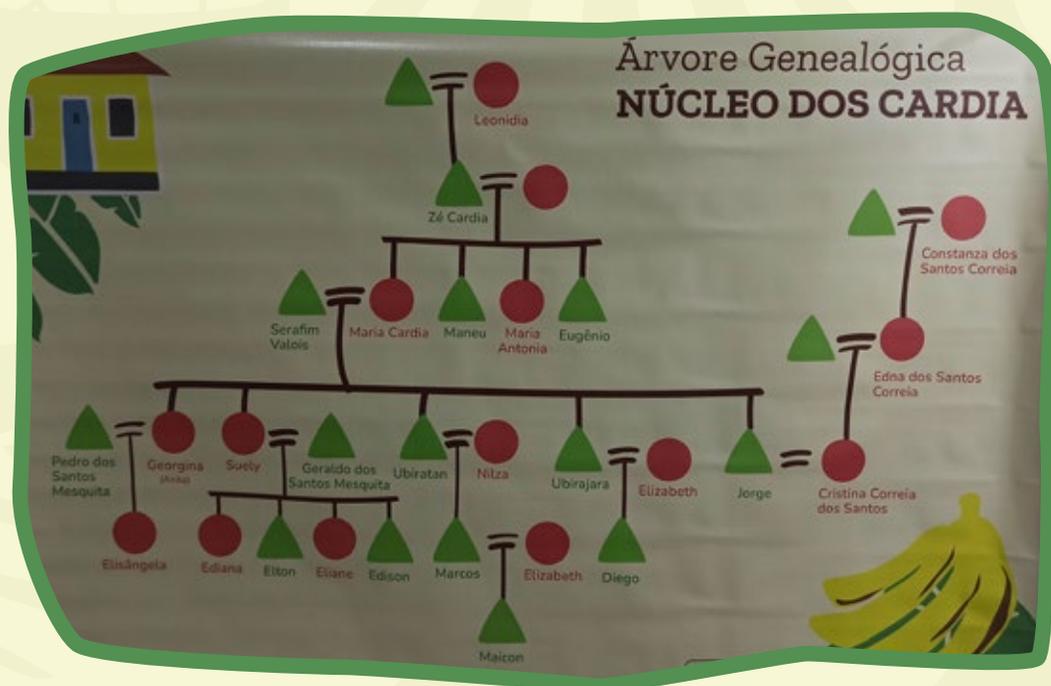


Carlos Eduardo e sua foto - Candomblé, a real história.

Temas como religião, família e natureza compõem o acervo de 26 imagens que contam um pouco mais das histórias e das comunidades quilombolas da Pedra Branca.

Para Alice Franco, educadora quilombola, “a construção da identidade é algo que precisa do eu e do outro para ocorrer. O reconhecimento e a identificação coletiva acerca de quem somos é fundamental nesse processo. Os produtos de comunicação apoiam esse reconhecimento”.

Outro produto de comunicação que construímos foi a confecção de banners contendo as árvores genealógicas de alguns dos núcleos familiares do Quilombo Cafundá Astrogilda.



Pesquisa das árvores genealógicas foi realizada pela antropóloga Luz Stella Rodrigues Cáceres



Bruna Távora, do Coletivo de Comunicação e Seu Jorge Cardia, que indica os nomes de sua família para a confecção de banners contendo a árvore genealógica de sua família.

O conteúdo foi levantado pela antropóloga Luz Stella Rodríguez Cáceres. A partir dele, Bruna Távora, coordenadora do coletivo de comunicação realizou uma consulta com as famílias quilombolas para checar datas de nascimento e os nomes das gerações mais antigas. A atividade contou com a partici-

pação da juventude dos núcleos que ficou encarregada de checar as informações.

Para Fernanda Silva Das Chagas Moretti do Núcleo Juarez / João Cordeiro, e bisneta do Seu João Cordeiro, que nasceu em 1883, “A árvore genealógica é de grande importância, pois é uma maneira de conhecermos todas as pessoas mais antigas da família. Uma forma de todos serem lembrados. Nós todos ficamos encantados com a árvore, pois nos faz lembrar das vivências que tivemos com os parentes queridos que se foram. Não conheci meu bisavô, mas todos contam que ele era fantástico”.



Alimentação, agricultura e agroecologia: georreferenciamento de áreas e apoio aos processos organizativos



As atividades integram a Comissão Agriculturas, Saúde e Mercados e a Comissão de Pesquisa do projeto e têm possibilitado um conjunto diverso e transversal de iniciativas que visam fortalecer a capacidade de plantar e colher alimentos livres de veneno na cidade do Rio de Janeiro, apoio à produção e comercialização de alimentos agroecológicos e assessoria na identificação dos serviços ecossistêmicos que a agricultura urbana proporciona.

Apoio à produção de alimentos

Neste período, participamos da facilitação do Sistema Participativo de Garantia (SPG) da Associação de Agricultores Biológicos do Estado do RJ (ABIO)/ Rede Carioca de Agricultura Urbana. O SPG certifica quintais e agricultores do Maciço e entorno, incluindo quilombolas. “Através do SPG, temos apoiado o incremento da produção, o ajuste de do-



Visita para certificação de orgânicos, no Quintal Produtivo de Sumaya, dos Quintais Produtivos da Colônia.

cumentação para a conformidade orgânica e problemas fitossanitários especialmente das hortas”, destacou Renata Souto, assessora agrícola do projeto.

Junto com a Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro, temos também apoiado o mapeamento de produtos livres de agrotóxicos na cidade e região metropolitana, buscando facilitar o escoamento da produção e o abastecimento das feiras agroecológicas da cidade, incrementando a diversidade e o acesso à alimentação saudável.

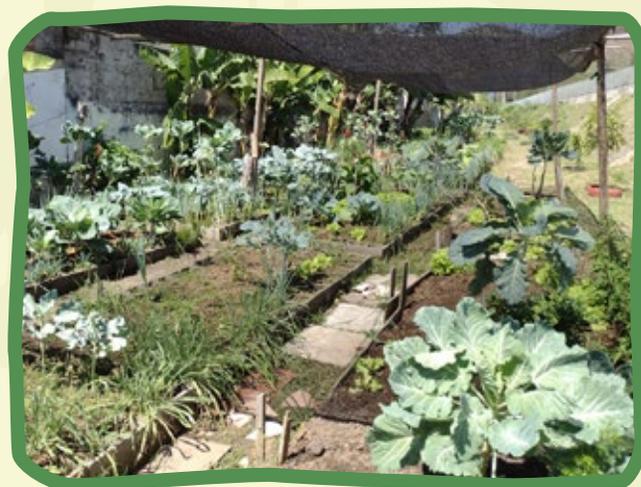


Produção do Gaúcho e família.

Tivemos também atividades presenciais no Arranjo Local da Penha para avaliação e melhoria do substrato para produção de mudas e oficina de confecção de aspersores domésticos de baixo custo no Arranjo Local de Campo Grande.

Sistema Pinga - irrigação a baixo custo

Nesse período, demos início ao levantamento de materiais e a pré-instalação do sistema PINGA, uma tecnologia de irrigação de baixo custo que será aplicada nas hortas urbanas e SAFs em quatro unidades produtivas nos quilombos e entorno. O objetivo é conviver com a alta temperatura da cidade no verão e promover a diversidade de espécies cultivadas, em especial sob sistema agroflorestal. As quatro unidades produtivas estão situadas nos quilombos e en-



Áreas do Jardim Sulacap também participam das atividades da Comissão Agricultura, Saúde e Mercados.



Mudas do seu Ivanil (Pesagro)

torno: Camorim, Dona Bilina, Vargem Grande e Rio da Prata.

Destacamos a área da Capela Sustentável, iniciativa da Pastoral da Ecologia Integral que tem o objetivo de ser uma unidade demons-

trativa de tecnologias sociais para a produção agroecológica na cidade, como instalação de placa solar, biodigestor, captação de água da chuva e o sistema de irrigação de baixo custo, este último com apoio direto do Projeto Sertão Carioca.

Para Izabela Martins, integrante da Pastoral da Ecologia Integral, a Capela Sustentável utiliza tecnologias sociais de baixo custo para educação socioambiental, no intuito de possibilitar a reinserção profissional de famílias. O projeto é construído com o conhecimento em produção de alimentos sem agrotóxicos para mitigar a situação de insegurança alimentar e nutricional, assim



Área da capela sustentável

“Trabalhamos os princípios da permacultura para capacitar as pessoas, em práticas sustentáveis que proporcionam autonomia e bem estar, as tecnologias sociais são fundamentais para a construção do bem viver”
– Izabela Martins

como, com a iniciação em energias sustentáveis, área ainda pouco explorada e em grande desenvolvimento, e também, na implementação de saneamento ecológico e utilização responsável dos usos da água.

Izabela comenta: “Trabalhamos os prin-

cípios da permacultura para capacitar as pessoas, em práticas sustentáveis que proporcionam autonomia e bem estar, as tecnologias sociais são fundamentais para a construção do bem viver”. Ela ressalta que as tecnologias para a Capela Sustentável estão sendo construídas com a doação de mudas, equipamentos, trabalho e conhecimento de muitos parceiros do projeto.

Apoio e reunião mensal com as feiras agroecológicas

Este é um espaço de diálogo e troca de experiências entre as feiras agroecológicas da cidade do Rio e que compõem a Rede Carioca de Agricultura Urbana. Desta forma temos superado desafios como



Intercâmbio Vargem Grande
- Rio da Prata e produção de
mudas medicinais. Miguel
Archanjo e Dona Dalila

o retorno das feiras na pandemia, a entrega de cestas em forma de delivery, rastreabilidade dos produtos comercializados, diversidade de alimentos oferecidos nas feiras, mapeamento e atendimento de necessidades materiais de estrutura das feiras e comunicação com o público consumidor, especialmente através da

Campanha Produtos da Gente.

Pela Campanha Produtos da Gente, realizamos duas principais ações de comunicação: confecção de um folder de apoio à Feira Agroecológica da Freguesia e produção de sacolas retornáveis que devem apoiar a venda dos alimentos no sistema de delivery.

Também apoiamos a inauguração da Feira Agroecológica e Cultural do Parque Estadual da Pedra Branca. Esta feira inclui agricultores, agricultoras, artesãos arte-



Intercâmbio Vargem Grande
- Rio da Prata

sãs. É um espaço de interação entre visitantes da unidade de conservação e produtores que convivem com a floresta e geram sua renda a partir da agricultura limpa e na cidade. A feira acontece todo domingo de 8 às 16h na sede do Parque, no Pau da Fome.



Mulheres do Maciço -
Madalena, Rita Caseiro,
Sampaia e Cristina



Feira da Roça em Vargem
Grande - amizade, apoio e
resgate cultural



Dona Lurdinha,
agricultura de Queimados
e feirante da feira da
freguesia

Formação continuada de plantas medicinais em parceria com a Rede Fitovida

Dando sequência ao resgate de saberes que envolvem o uso das plantas medicinais, o cuidado e o autocuidado dos territórios, o intercâmbio com mestras da Rede Fitovida da Baixada Fluminense, da Serramar e da região Serrana tem sido fundamental para ações voltadas ao protagonismo das mulheres nos quilombos e quintais e na organização dos produtos da sociobiodiversidade.

Até o final do ano acontecerão oficinas de reconhecimento e coleta de plantas e feitiço de produtos como pomada, tintura, xampus, xarope com maté-

ria prima simples e de fácil acesso, aprimorando a troca de experiências entre agentes comunitárias de saúde do campo e da cidade, a promoção do cuidado coletivo e o incentivo a geração de renda a partir da diversidade de plantas medicinais presentes nos territórios.



Panfleto de divulgação do curso, realizado em parceria com a Rede Fitovida

Georrefenciamento de áreas

Desde outubro estamos contando com o engenheiro cartográfico e sociólogo Paulo Santos para a elaboração e edição de mapas temáticos. Esses produtos irão contribuir para uma melhor compreensão do território de atuação do projeto, organização e sistematização das ações.

Serão georreferenciadas as unidades produtivas (núcleos e entorno considerando as unidades de produção agrícola, a reconversão produtiva de área de conservação, o manejo de florestas e áreas naturais, incluindo áreas de influência relevantes para o projeto). Foram feitas visitas nas roças e quintais produtivos de Vargem Grande e no Rio da Prata de Grande. Em breve serão visitadas as unidades produtivas da Colônia Juliano Moreira (Quintais da Colônia).

Paulo também está realizando o georreferenciamento de micro-dados e de informações relevantes para o acompanhamento das ações do projeto, e irá apoiar na análise da correlação da linha de base das áreas trabalhadas com o mapa de cursos hídricos, vegetação e aptidão do solo, contribuindo também com dados para a condução de pesquisas no âmbito da Comissão de Pesquisa.



Equipe realizando o georreferenciamento das áreas no Quilombo Cafundá Astrogilda



Educação popular e ambiental no combate ao racismo e pela preservação da Floresta da Pedra Branca



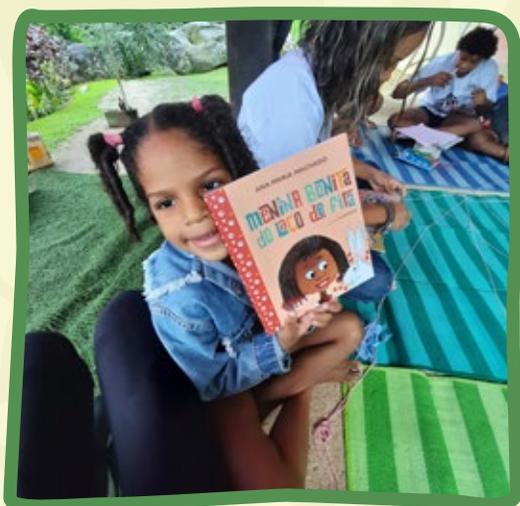
Ao longo desses 12 meses de trabalho, desenvolvemos um conjunto de atividades que incorrem diretamente na promoção da igualdade étnico-racial, enfatizando sobretudo as infâncias, tais como: atividades de educação quilombola e debate sobre letramento racial. Realizamos a Semana da Criança, da Alimentação Saudável e da Educação Antirracista, demos prosseguimento as atividades de Cartografia no Quilombo Cafundá Astrogilda e participamos de intercâmbios para debater a questão do racismo ambiental em territórios de comunidades tradicionais.

A questão racial ainda é um tabu para a sociedade brasileira. De um lado, é muito difícil o reconhecimento individual de práticas racistas, o que impede que o problema seja superado de maneira mais rápida. De outro, o racismo estrutural se enraíza nas organizações e relações sociais, aprofundando a desigualdade étnico-racial, e promovendo abismos de direitos e oportunidades.

Buscando contribuir com o enfrentamento a essa questão, nosso projeto tem como tema transversal o combate ao racismo, e para tanto, temos desenvolvido um conjunto bastante diverso de atividades. Confira algumas!

Semana da Criança, da Alimentação Saudável e da Educação Antirracista

Entre os dias 12 e 18 de outubro, percorremos o sertãozinho carioca, e trouxemos para nossa ciranda debates sobre as Infâncias. Conversamos e brincamos em torno dos seguintes temas: conservação da natureza, agroecologia, educação popular e ambiental, memórias e histórias dos quilombos do Maciço da Pedra Branca e combate ao racismo.



Lara Lima, do Quilombo Cafundá Astrogilda, e o livro "Menina Bonita do Laço de Fita" - Atividade compõe o Programa de Educação Ambiental e Combate aos Racismos realizado pela comissão pedagógica do projeto.



Eleci Martins conta a história que apresenta a temática étnico-racial voltada para as infâncias



Caroline Rodrigues, da juventude do Quilombo Dona Bilina e estagiária do projeto, na Horta Comunitária do quilombo

As atividades dos territórios foram coordenadas pelas educadoras quilombolas: Rosilane de Almeida, do Quilombo do Camorim, Carmen Paixão, Leonídia Insfran e Caroline Rodrigues do Quilombo Dona Bilina e

Eleci Martins do Núcleo Dinda Laura, no Quilombo Cafundá Astrogilda. A semana foi realizada pela Comissão Pedagógica do projeto, através do Programa de Educação Ambiental para as Infâncias e Combate ao Racismo.

A abertura da semana foi realizada no Quilombo do Camorim com atividade presencial com as crianças da comunidade. Os pequenos participaram de oficinas, brincadeiras e contação de histórias.

Encontros e formações online também fizeram parte da programação, estes oferecidos para os educadores populares e professores parceiros das escolas próximas aos quilom-



Leonídia Insfran, na atividade alusiva ao Dia das Crianças no Quilombo Dona Bilina

bos. Na roda de conversa Educação das Relações Étnicas Raciais: Experiências na Escola, compartilhamos poesias, sonhos e experiências sobre as vivências do racismo no cotidiano das infâncias e da vida escolar. Junto com os parceiros: Culinafro, NUCANE (UERJ), Cedicun e outros, trocamos referências e informações sobre materiais pedagógicos e metodologias que podem apoiar o debate antirracista junto às crianças. Tatiana Costa, educadora da rede pública de Macaé, compartilhou sua vivência com o racismo em sala de aula. Ela falou sobre o despertar da consciência racial. “Esse despertar surgiu quando em uma aula de música as alunas negras da sala não quiseram dançar. Essa experiência fez com que eu me questionasse qual o papel da educação e como o racismo atravessa a criação e educação de alunas negras”, destacou.

Gabriela Franklyn, professora de matemática também da rede municipal de Macaé apresentou a reflexão “Semeando Saberes Africanos nas Aulas de Matemática”. Dentre os temas



Materiais pedagógicos contextualizados com a questão étnico-racial é tema de debate no Programa de Educação Ambiental e Combate ao Racismo do projeto. Na foto/ Tamires Mesquita, educadora do Quilombo Cafundá Astrogilda.



Geovana Melo na atividade de bonecas Abayomi, no Quilombo Cafundá Astrogilda

que abordou, ela falou sobre os jogos e o método egípcio de cálculo. Conheça mais em @a.mate-matica.eh.preta

As educadoras apresentaram projetos desenvolvidos em sala de aula, atividades lúdicas a partir de uma metodologia participativa e também questionaram as

técnicas, materiais, músicas e recursos utilizados ao longo dos anos pelo ensino tradicional.

Ainda na semana, conversamos com a Fundação Angélica Goulart sobre educação popular e o legado de Paulo Freire. Lacy, Ana Paula e a adolescente Rebeca nos conduziram por um conjunto de perguntas, estimulando nossa reflexão em torno da importância da participação de crianças e adolescentes nas tomadas de decisões do nosso cotidiano.

Ainda na abertura da atividade Ana Paula convidou aos participantes da roda a falarem um pouco sobre uma lembrança de participação na infância.

A roda de conversa avançou com Lacy projetando algumas frases de Paulo Freire e provocando a reflexão das participantes.

“Ninguém liberta ninguém, as pessoas se libertam em comunhão”
– Paulo Freire

“Me movo como educador, porque me movo primeiro como gente”.

“Ninguém liberta ninguém, as pessoas se libertam em comunhão”.

“A educação é um ato de amor, e por isso um ato de coragem”.

As educadoras falaram sobre como as frases de Paulo Freire são necessárias e como nos ajudam a pensar a educação atual. A proposta foi abraçada pelos participantes que compartilharam suas visões da importância da educação popular, da necessidade de uma educação libertadora, e sobre a articulação entre fala e prática na educação atual, o respeito à visão de mundos e os desafios na garantia de uma educação democrática e participativa.

Ana Paula fez o resgate dos marcos legais que garantem o direito à participação de crianças e adolescentes nos espaços de decisão da sociedade civil e apresentou uma crítica a característica “adulto-cêntrica” da sociedade atual, que trata a criança como futuro e não como sujeito de direito do agora. Levantando os seguintes questio-

“A educação é um ato de amor, e por isso um ato de coragem”.
– Paulo Freire

namentos: Porque ainda temos tão pouca participação das crianças nos espaços? Porque as frases: “Isso é conversa de adultos” e “O que você vai ser quando crescer?”

Ana Paula e Iacy concluíram a roda de conversa lendo alguns trechos do livro onde a pergunta feita é: Porque o Brasil é das crianças?

Durante a exposição, o neto da Gicele, Yan, de 7 anos, pediu para fazer uma contribuição e respondeu a questão. “Porque as crianças são espertas, têm criatividade e gostam de brincar”. (Yan, 7 anos)

Já as atividades presenciais foram realizadas nas comunidades quilombolas Dona Bilina e Cafundá Astrogilda.

No Cafundá, teve roda de leitura com livros sobre a questão étnico-racial, confecção de bonecas Abayomi, conversamos sobre agroecologia e também aprendemos a identificar algumas plantas das hortas comunitárias.

Para Eleci Martins, do Cafundá Astrogilda, as oficinas ajudam a gerar auto estima, inclusão, aceitação e desenvolve a noção de pertencimento: “As oficinas de leitura são formas lúdicas para complementar o conhecimento sobre a identidade étnico racial”. Eleci, com o apoio de Caroline Santana, coordenadora da Comissão Pedagógica do Projeto Sertão Carioca, desenvolveram aulas com as temáticas de cuida-

dos com a terra, etnias, inclusão e o folclore brasileiro para jovens do território quilombola.

Intercâmbio de Culinárias Quilombolas

Em outubro e novembro promovemos oficinas de intercâmbio de culinárias quilombolas em parceria com os grupos NUCANE (UERJ) e Culinafro (UFRJ). Neste período, as oficinas já ocorreram no Quilombo Cafundá Astrogilda e no Quilombo do Camorim. No próximo período, irá ocorrer também no Quilombo Dona Bilina.

No Camorim, cozinhamos moela com batatas e no Cafundá Astrogilda, galinha com quiabo e angu. Durante o preparo coletivo da comida, dialogamos

também sobre os aspectos simbólicos da relação entre as pessoas e o alimento e sobre o papel da comida de cada quilombo na construção e reconhecimento de memória e identidade quilombola. Já no Cafundá Astrogilda, cozinhamos frango com quiabo e angu.

Jorginete Damião, nutricionista do NUCANE e que apoia as ativi-



Moela com batatas foi a refeição oferecida pelo Quilombo do Camorim



Culinária quilombola no Quilombo do Camorim.



Tati Mesquita cozinha galinha com angu em seu forno à lenha.

dades, destacou que “A promoção de alimentação adequada e saudável vai muito além da dimensão biológica do alimento. Implica em entender que a alimentação expressa valores culturais, sociais, afetivos, sensoriais e econômicos.”

As atividades compõem também o eixo socioeconômico do projeto e buscam fortalecer ações de geração de renda e Turismo de Base Comunitária. Ao final das etapas de intercâmbios, será elaborado um caderno de receitas, técnicas e utensílios relacionadas à identidade quilombola do maciço da Pedra Branca.

Oficina de Fogão Agroecológico

O fogão agroecológico é uma tecnologia social aliada no combate às mudanças climáticas, pois contribui na redução da emissão de carbono e na quantidade de lenha consumida para a produção de alimentos. Ao mesmo tempo, sua confecção é uma forma de afirmar o



Na foto, Betinha e Giselle Parno constroem o fogão.

conhecimento e as memórias das comunidades, pois o fogão a lenha é um lugar importante na casa das famílias! Lugar de troca de conhecimento, saberes e sabores.

“Os fogões e a preparação de alimentos constituem aspectos muito importantes para qualquer cultura e os fogões a lenha são muito utilizados em comunidades tradicionais, estando relacionados também a questões econômicas além de hábitos culturais. É mais eficiente e sustentável que os fogões a lenha convencionais, mantendo o ambiente onde é instalado mais saudável.”, destacou Renata Barreto, facilitadora da oficina e integrante da Associação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável.

Restos de materiais orgânicos como sabugo de milho, cascas de coco, palhas de palmeiras e materiais de varrição são utilizados para a queima e aquecimento dos alimentos. Apenas a lenha fina deve ser utilizada em pequena quantidade. Esse aspecto do fogão viabiliza a diminuição, e dependendo de onde é instalado, até a



O fogão agroecológico é lugar de troca de conhecimento, saberes e sabores.

“É uma conexão com o meu passado, lembrei da minha avó que tinha uma cozinha feita de pau a pique e fazia alimentos para quem batia no portão de casa, foi uma atividade gratificante”

– Rosilane Almeida

suspensão do corte de árvores, evitando o desmatamento e a erosão, mantendo os serviços ambientais das florestas e espaços verdes.

O primeiro fogão foi instalado no Quilombo do Camorim. Lá, o combustível já está garantido, pois são abundantes os resíduos do manejo da área preservada pela Associação Cultural do Quilombo do Camorim (ACUQCA) e da horta orgânica.

Rosilane Almeida, educadora popular e quilombola do Quilombo do Camorim, comenta que a oficina do fogão agroecológico vai além da preservação ecológica e melhoria da saúde: “É uma conexão com o meu passado, lembrei da minha avó que tinha uma cozinha feita de pau a pique e fazia alimentos para quem batia no portão de casa, foi uma atividade gratificante”. Para Rosilane, o fogão remete a um modo de vida mais sustentável, com alimentos retirados diretamente do solo e com animais soltos no quintal.

Intercâmbio com o Projeto Uçá - Racismo Ambiental e o impacto em territórios de Comunidades Tradicionais



Caroline Santana na roda de conversa sobre racismo ambiental, realizada pelo Projeto Uçá

Em alusão ao mês da Consciência Negra, participamos da mesa virtual: RACISMO AMBIENTAL – Impactos ambientais nas comunidades tradicionais e a importância das práticas socioeducativas. A mesa foi realizada pelo Projeto Uçá ([@projetoUCA](https://www.instagram.com/projetouca)), que também é patrocinado pela Petrobras, por meio do Programa Petrobras Socioambiental.

A atividade foi composta apenas por mulheres negras, moradoras de áreas periféricas da cidade do Rio de Janeiro e ligadas à questão ambiental. Participaram: Valdirene Couto Raimundo, liderança no do [@quilombo_do_feital](https://www.instagram.com/quilombo_do_feital) e integrante de Turismo de

Base Comunitária da região da APA de Guapi-Mirim - ICMBio, Rede Nós da Guanabara,

Victoria Alves de Oliveira, educadora e integrante da página [@geo.preta](https://www.instagram.com/geo.preta) e Caroline Santana, que coordena o Programa de Educação Ambiental e Combate ao Racismo para as Infâncias, que é desenvolvido no âmbito da comissão pedagógica do nosso projeto.

“As contribuições apresentaram os desafios impostos pelo racismo ambiental em "territórios negros", as resistências cotidianas das populações de territórios tradicionais, a importância de ações educativas a partir de uma lógica antirracista e a necessidade de uma articulação em rede para a elaboração de estratégias coletivas de enfrentamento aos racismos.”, destacou Caroline Santana, coordenadora social do projeto e coordenadora da Comissão Pedagógica.

“ As contribuições apresentaram os desafios impostos pelo racismo ambiental em "territórios negros", as resistências cotidianas das populações de territórios tradicionais, a importância de ações educativas a partir de uma lógica antirracista e a necessidade de uma articulação em rede para a elaboração de estratégias coletivas de enfrentamento aos racismos.”

– Caroline Santana



A **Folha Informativa** é um material de comunicação institucional e bimestral do Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta. O objetivo é compartilhar o contexto geral do projeto, garantir o acompanhamento das ações e contribuir para a apropriação e desenvolvimento de uma cultura de controle social e transparência sobre iniciativas de projetos patrocinados.

Coordenação Editorial

Bruna Távora, Murilo Holanda, Mariana Portilho e Ingrid Pena

Produção de Conteúdo

Equipe do Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA

Diagramação

Pedro Biz

Clique e acesse as edições anteriores:

[Boletim 1](#)

[Boletim 2](#)

[Boletim 3](#)

[Boletim 4](#)

[Boletim 5](#)

[Boletim 6](#)

[Boletim 7](#)



**PROJETO
SERTÃO
CARIOCA**
CONECTANDO CIDADE E FLORESTA

O Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta é realizado pela AS-PTA em parceria com o Quilombo Cafundá Astrogilda Ferreira, Quilombo do Camorim e Quilombo Dona Bilina. Tem o patrocínio da Petrobras, por meio do Programa Petrobras Socioambiental.

**Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA
que executa o projeto**

**Lideranças Territoriais
e Agentes Comunitários**

Sandro Santos e Maria Lúcia
Mesquita, Alice Franco e Rosilane
de Almeida.

**Coordenador Geral do
Programa de Agricultura
Urbana e Supervisor
Metodológico do projeto**

Márcio Mendonça

Coordenadora geral do Projeto

Ingrid Pena

Coordenadora Social

Caroline Santana

Assessoras Agrícolas

Renata Souto e Letícia Ribeiro

Assessoras de Comunicação

Bruna Távora e Mariana Portilho

**Assistente financeiro
e de tesouraria**

Camilla Lima e Bárbara Batista

Estagiários

Murilo Marques, Marina Pellegrini,
Geovana de Melo, Michel
Cole, Adilson Júnior, Caroline
Rodrigues e Rudson Amorim

Para saber mais:

www.aspta.org.br

<http://projetosertaocarioca.wordpress.com>

Instagram: @agroecologiaaspta

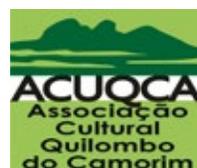
Facebook :asptaagroecologia

E-mail: comunicasertao@aspta.org.br

REALIZAÇÃO



PARCERIA



PATROCÍNIO

